



‘Cineconversas’ para ‘verouvirsentirpensar’ o filme “Guri” nos cotidianos escolares

'Cineconversations' to 'watchlistenfeelthink' the movie “Guri” in everyday school life

'Cine conversaciones' para 'ver oír sentir pensar' la película "Guri" en los cotidianos escolares

Nilda Alves - Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino | Rio de Janeiro | RJ | Brasil. E-mail: nildag.alves@gmail.com | 

Andréia Teixeira Ramos - Universidade Federal do Espírito Santo | Curso de Licenciatura Intercultural Indígena - ProInd | Vitória | ES | Brasil. E-mail: andreiatramos.ea@gmail.com | 

Resumo: Este texto apresenta parcialmente os resultados das atividades desenvolvidas a partir do projeto de pesquisa intitulado *Movimentos migratórios: diáspora africana no cinema e nos cotidianos escolares*, que se interessou pelos sons, imagens e narrativas de filmes e objetivou compreender como os movimentos da diáspora africana aparecem no cinema, na contemporaneidade e adentram os cotidianos escolares. Com isso em vista, propôs-se fazer uso do ‘verouvir’ os filmes selecionados, a fim de entender seus efeitos ao adentrar os cotidianos escolares. Esse estudo fundamentou-se nas pesquisas com os cotidianos desenvolvidas por Nilda Alves, e ampara-se ainda nas ideias de Edileuza Penha de Souza, Nilma Lino Gomes, bell hooks e Conceição Evaristo, além dos pensamentos de Paulo Freire e de Marcos Reigota. Nesses movimentos realizamos quatro ‘cineconversas’ online mensais com os docentes em exercício e discentes em formação que habitam os cotidianos escolares de escolas públicas de educação básica e da Universidade Federal do Espírito Santo.

Palavras-chave: *cineconversa*; cotidianos escolares; cinema negro.

Abstract: This text partially presents the results of the activities developed from the research project entitled *Migratory movements: African diaspora in cinema and in school life*, which was interested in the sounds, images and narratives of movies and aimed to understand how the movements of the African diaspora appear in the cinema, in contemporary times, and enter the daily school life. With this in mind, it was proposed to make use of *watching-listening* the selected films in order to understand their effects on daily school life. This study was based on research into everyday life developed by Nilda Alves, and also supported the ideas of Edileuza Penha de Souza, Nilma Lino Gomes, bell hooks and Conceição Evaristo, in addition to the thoughts of Paulo Freire and Marcos Reigota. In these movements, we held four monthly online cineconversations with teachers and college students who are part of the daily school life of public schools of basic education and the Federal University of Espírito Santo.

Keywords: *cineconversation*; school routines; black cinema.

Resumen: Este texto presenta parcialmente los resultados de las actividades desarrolladas a partir del proyecto de investigación titulado *Movimientos migratorios: diáspora africana en el cine y en los cotidianos escolares*, que se interesó por los sonidos, las imágenes y narraciones de películas y buscó comprender cómo los movimientos de la diáspora africana aparecen en el cine, en la contemporaneidad, y entran en los cotidianos escolares. Con eso en vista, se propuso hacer uso del *ver oír* de las películas seleccionadas a fin de entender sus efectos en los cotidianos escolares. Este estudio se fundamentó en las investigaciones con los cotidianos desarrolladas por Nilda Alves, y se basó en las ideas de Edileuza Penha de Souza, Nilma Lino Gomes, bell hooks y Conceição Evaristo, además de los pensamientos de Paulo Freire y de Marcos Reigota. En esos movimientos, realizamos cuatro *cine conversaciones* mensuales en línea con los docentes en ejercicio y estudiantes en formación que habitan los cotidianos escolares de escuelas públicas de educación básica y de la Universidad Federal de Espírito Santo.

Palabras clave: *cine conversación*; cotidianos escolares; cine negro.

- Recebido em: 19 de novembro de 2021
- Aprovado em: 12 de janeiro de 2022
- Revisado em: 06 de junho de 2022

Primeiras palavras

Este texto apresenta parcialmente os resultados das atividades desenvolvidas a partir do projeto de pesquisa intitulado *Movimentos migratórios: diáspora africana no cinema e nos cotidianos escolares* (UERJ/Proped/2020-2021)¹, que se interessou pelos sons, imagens e narrativas de filmes, e objetivou compreender como os movimentos da diáspora africana aparecem no cinema, na contemporaneidade, e adentram os cotidianos escolares. Com isso em vista, propôs-se fazer uso do ‘verouvir’ os filmes selecionados a fim de entender seus efeitos ao adentrar os cotidianos escolares.

O interesse desta pesquisa recaiu na diáspora africana no cinema e nos cotidianos, em consonância com o pensamento de Nilda Alves (2010, 2015, 2019). Além disso, dialoga-se com o Projeto de Pesquisa intitulado *Processos Curriculares e movimento migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas*, vinculado à Linha de pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais, do Grupo de Pesquisa Currículos, redes educativas e imagens, coordenado pela professora Dra. Nilda Alves, e com trabalhos do seu grupo de pesquisa acerca das ‘cineconversas’ como metodologia de pesquisa nos cotidianos (CALDAS; ALVES, 2018; ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019; BRANDÃO; MENDONÇA; PAPINI, 2020; MACHADO; MORAIS; TOJA, 2020; MENDONÇA *et al.*, 2020).

Assim, este estudo fundamentou-se não só nas pesquisas *com* os cotidianos, desenvolvidas pela professora pesquisadora Nilda Alves, mas também em teóricas do cinema negro, da educação e da literatura, tais como Edileuza Penha de Souza (2013), Nilma Lino Gomes (2003, 2010), bell hooks (2019a, 2019b, 2019c), e Conceição Evaristo (2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2017c), além dos pensamentos de Paulo Freire (1996, 2014) e de Marcos Reigota (1999, 2016).

Nos movimentos da pesquisa com os cotidianos escolares, realizamos quatro ‘cineconversas’ online (Meet) mensais com docentes em exercício e em formação, como

¹ Este texto tem como base o Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, referente ao Processo Seletivo para Bolsa de Pós-Doutorado PNPd/CAPES do Edital 01/2020, vinculado à linha de pesquisa *Cotidianos, redes educativas e processos culturais*, sob a supervisão da professora Nilda Alves. As atividades deste projeto de pesquisa contaram também com o apoio do Projeto de Extensão, Ensino e Pesquisa (Proex/CNPq) “Narradores da Maré” do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

procedimento metodológico para a produção de dados no trabalho de campo, privilegiando o acento nas *conversas* com os sujeitos da pesquisa. Em virtude da pandemia, as atividades do Projeto aconteceram exclusivamente de modo remoto, por isso os filmes selecionados foram vistos antes do encontro online. A partir das ‘*cineconversas*’ online, em grupos compostos por aproximadamente 30 pessoas², ocorreram quatro encontros aos sábados, das 10h às 11h30, de março a junho, e foram discutidos, respectivamente, o documentário, de 25:51 min, *Mulheres de Barro* (HYSTERIA, 2018), dirigido por Edileuza Penha de Souza; o curta-metragem, de 15:50 min, *Cores e Botas* (PRETAPORTEFILMES, 2012), dirigido por Juliana; o curta-metragem, de 21:50 min, *Kbela* (KBELA FILME, 2018), dirigido por Yasmin Thayná e, por fim, o curta-metragem, de 13 min, *Guri* (GURI FILME, 2019), dirigido por Adriano Monteiro.

Buscando contemplar o propósito anunciado, dedicamo-nos, num primeiro momento, a tecer breves comentários sobre a diáspora africana; em seguida, expomos questões teórico-metodológicas acerca dos estudos com os cotidianos; e, num terceiro momento, debruçamo-nos sobre os filmes trabalhados, destacando os resultados e discussão dos dados obtidos com as ‘*cineconversas*’, com foco nas narrativas tecidas após a exibição do filme *Guri*.

Breves comentários sobre a diáspora africana

[...] Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra.

(PODER360, 2018)

Falar sobre a diáspora africana, diáspora forçada, é falar sobre “a história que a história não conta”. História que ocorreu em diversos países do continente africano, resultante do período da escravatura imposto pelo colonialismo. Na tese “Exu e a pedagogia das Encruzilhadas” de Luiz Rufino (2017, p. 141), encontramos a noção de diáspora africana quando o autor ressalta que:

² Os participantes também produziram vídeos (1 min) e confeccionaram cartões postais virtuais com a produção de imagens e micronarrativas para uma futura exposição online.

A diáspora africana é uma encruzilhada, devir, acontecimento marcado pela tragédia mas ressignificado pela necessidade de sobrevivência. Assim, configura-se também como um acontecimento que vem a encruzar inúmeros saberes, recolhe-se os muitos fios das civilizações negro-africanas que foram desalinhados forçadamente, para realinhava-los. Trança-se uma esteira de conhecimentos, experiências e identidades, fios múltiplos, modificados pelo sofrimento e a necessidade de reinvenção da vida nas travessias, rotas e passagens por novos portos, cais, mercados e mundos. A diáspora africana é um trânsito contínuo, é curso que se constitui de forma ambivalente, é, ao mesmo tempo, experiência de despedaçamento e de reconstrução.

Nesse contexto, as pessoas escravizadas desembarcaram no Brasil, em cidades portuárias, por serem estas um ponto de acesso, circulação, encontros e misturas de diferentes culturas. Diante dessa diáspora africana forçada, na qual 40% de africanos desembarcaram no Brasil, perguntamo-nos, amparadas em Paulo Freire (2014, p. 39), qual é o nosso “posto no cosmos”? Com essa pergunta, surgem outras tantas indagações e inquietações que nos instigam a saber mais, pois pouco sabemos de nós e de nosso “posto no cosmos”, instigando-nos a saber mais, e, ao reconhecermos que pouco sabemos.

Nesse cenário, uma das autoras do artigo é instigada a perguntar-se de que modo ético, estético e político se posiciona – como uma mulher-intelectual-negra-professora-pesquisadora, que traz no corpo a marca da diáspora africana – nas múltiplas “redes educativas que todos formamos e nas quais nos formamos” (ALVES, 2019, p. 115), a fim de re-existir nos cotidianos, entre as tensões, os conflitos e as negociações no contemporâneo.

Nesse caminho, consideramos, aqui, a questão da diáspora africana como uma questão mobilizadora social profunda e que afetou e ainda afeta milhões de pessoas que foram forçadamente escravizadas. No entanto, tal questão se afasta de uma única história relacionada aos diaspóricos do continente africano, uma vez que, como diz a escritora e intelectual nigeriana Chimamanda Adichie, é preciso ficar alerta para “o perigo da história única” (ADICHIE, 2019). Por essa razão, vale a pena ressaltar que a diáspora africana, do ponto de vista histórico, é um “complexo *espaçotempo* criado através de diversas migrações, principalmente as forçadas, os movimentos migratórios são um dos mais complexos acontecimentos da história da humanidade” (CORREA, 2020, p. 17), definindo de modo político, ético e estético os modos de vida na sociedade.

Contudo, mesmo com toda a violência que marcou os cotidianos das pessoas escravizadas nesse contexto, houve processos de resistência, de criação de experiências sociais no

compartilhar da vida cotidiana, em meio a trocas, que alteraram os processos de identificação, desse modo, a diáspora africana forçada também possibilitou uma redefinição das identidades.

Tomando o Brasil como o país das Américas onde houve o maior número de desembarques de pessoas escravizadas, nele há forte presença das identidades das diferentes culturas de diversas regiões do continente africano, sendo que os sujeitos que aqui chegaram foram atravessados por alterações nos modos de ser e agir no mundo e com o mundo aconteceram entre invenções, embates, negociações e criações na vida cotidiana, criando e redefinindo os processos identitários das pessoas.

Diáspora africana e cinema negro brasileiro

É a partir e com essas experiências cotidianas que o cinema negro no Brasil vem buscando contar “a história que a história não conta”, como indicam as pesquisas desenvolvidas por Edileuza Penha de Souza (2013), mulher-negra-professora-pesquisadora-cineasta. Em conversa com a pesquisadora³, ela comenta que existe, no campo cinematográfico, um processo que está em construção e em disputa política, acrescentando ainda que “o nosso cinema é um cinema de militância, cinema de guerrilha, nosso compromisso é contar as histórias que não foram contadas, as histórias do meu povo, do povo negro” (SOUZA, 2020, entrevista). Para Edileuza Souza, é necessário criar uma perspectiva de alteridade fora dos estereótipos de representação do negro no cinema. Assim, em diálogo com Edileuza e bell hooks, acreditamos que esses modos outros de narrar a história do povo negro são capazes de reconstruir subjetividades, possibilitando-nos inventar outras narrativas de representação do negro no cinema e na vida cotidiana, para re-existir “ao modo como a cultura dominante pensa a história, a identidade e a comunidade” (HOOKS, 2019a, p. 325).

Destacamos também a dissertação do cineasta negro e pesquisador Adriano Monteiro (2017), intitulada *Os territórios simbólicos do Cinema Negro: racialidade e relações de poder no campo audiovisual brasileiro*, na qual o autor salienta que a produção de cinema realizada por jovens negros tem “crescido nos últimos anos, desenhando um cenário inédito na cinematografia nacional” (p. 8).

Apesar desta explosão recente da produção de cineastas negros na história do cinema brasileiro, é preciso fortalecer ainda mais os vários movimentos que criam outras narrativas das

³ Entrevista concedida por uma rede social em 6 de abril de 2020, realizada em Vitória, ES.

experiências no cinema negro com a criação de textos “alternativos que não são apenas reações” (HOOKS, 2019a, p. 236), são também “contestação, resistência, revisão, questionamento e invenção de múltiplos níveis” (HOOKS, 2019a, p. 236).

Já em relação ao cinema nos cotidianos escolares, desde uma perspectiva amparada em Michel de Certeau e Nilda Alves, destacamos a pesquisa de Barbara Maia Cerqueira Cazé (2015), denominada *Os usos e os atravessamentos do Cineclube (e do Cinema) na tessitura dos currículos em redes nos cotidianos*. A autora pontua que, em 2014, houve aprovação da Lei nº 13.006 (BRASIL, 2014), segundo a qual “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo 2 (duas) horas mensais”. Com essa determinação, é possível “abrir um espaço para exibição de filmes [nos cotidianos escolares]” (CAZÉ, 2015, p. 38).

É importante destacar que o negro foi (e ainda é) representado na sociedade, em especial nos cotidianos escolares, de forma pejorativa. A esse respeito, recordamos as palavras de Abdias do Nascimento (LITERAFRO, 2021) – dramaturgo, escritor, artista visual e ativista -, proferidas em um discurso realizado no Congresso Nacional, no dia 20 de março de 1997. Num certo ponto de sua fala, Abdias salienta que as aprendizagens que acontecem nas escolas “ensinam apenas que o negro veio da África como escravo, [e] cometem e perpetuam o crime de roubar de nossas crianças a sua própria história” (ITAÚ CULTURAL, 2016, p. 97). É preciso pensar, como colocou Abdias, sobre como estamos nos dias atuais, se avançamos nas nossas práticas pedagógicas nos cotidianos escolares ou se “até hoje, nossos livros didáticos contam balelas como aquela de que o africano aceitava a condição escrava” (ITAÚ CULTURAL, 2016, p. 97).

Seis anos depois das questões levantadas por Abdias, foi aprovada a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica, nas escolas públicas e privadas. No ano seguinte, em 2004, o Parecer do Conselho Nacional de Educação nº 03/2004 aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas. Esses dispositivos legais foram produzidos a partir da longa e intensa luta dos movimentos sociais negros buscando assegurar que a educação das relações étnico-raciais acontecesse nos cotidianos escolares. Precisamos destacar que em 10 de março de 2008 foi sancionada a Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008) que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática das culturas e histórias indígenas.

Porém, mesmo com toda a legislação, sua lenta incorporação na vida cotidiana torna imprescindível que as comunidades escolares abracem essa discussão nas suas práticas pedagógicas. Conforme afirma a professora Nilma Lino Gomes (2011), “uma das formas de interferir pedagogicamente na construção de uma pedagogia da diversidade e garantir o direito à educação é saber mais sobre a história e a cultura africanas e afro-brasileiras”. Nilma Gomes sinaliza que o conhecimento contribui para combater as atitudes discriminatórias e nos ajuda a aprender as histórias “sobre os negros, a África, a diáspora; a denunciar o racismo e a discriminação racial e a implementar ações afirmativas, rompendo com o mito da democracia racial” (GOMES, 2011).

Aspectos teóricos-epistemológicos acerca dos estudos com os cotidianos

A pesquisa desenvolvida teve como fundamento metodológico os estudos com os cotidianos (ALVES, 2010; OLIVEIRA, 2010, 2012). Sobre as pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos, Nilda Alves (2015) argumenta que existem modos outros de criar conhecimentos nos cotidianos escolares, distintos daqueles impostos pela modernidade. E, “para poder estudar esses modos diferentes e variados de *fazerpensar*’, nos quais se misturam agir, dizer, criar e lembrar, em um movimento que denomino *‘prácticateoriaprática’*” (ALVES, 2015, p. 134), a autora afirma ser necessário problematizar os caminhos até então percorridos e abrir espaço para criar novos, e, nesse outro modo de caminhar, explicitar a trajetória metodológica a fim de “explicar o possível e necessário caminho para *decifrar o pergaminho* (CERTEAU, 1994), buscando compreender o cotidiano escolar” (ALVES, 2015, p. 134).

Nas pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos, conforme menciona Nilda Alves (2010), é possível juntar as expressões – *‘espaçostempos’*, *‘saberesfazeres’*, *‘prácticateoriaprática’* – pluralizá-las, algumas vezes invertê-las, subvertê-las, outras vezes duplicá-las. Segundo a autora, essa é a forma pela qual conseguimos, até o presente, mostrar como as dicotomias presentes na invenção da ciência moderna têm se mostrado limitantes no pesquisar e inventar os cotidianos e na compreensão das práticas e praticantes que os constituem. Nesse sentido, são sujeitos aquelas e aqueles “*praticantes* com que nos ‘conectamos’ para saber de suas práticas e das ideias que formulam ao agir. Isso significa que temos que lhes dedicar tempo para ouvi-los, escutando as memórias” (ALVES, 2010, p. 74), dialogando sobre os fatos dos cotidianos, sobre as relações

com as pessoas com quem partilham experiências, e debatendo seus modos de sentir, pensar e agir no mundo e com o mundo.

Os *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012), que são sujeitos da história (FREIRE, 2014) e não apenas da pesquisa, foram as docentes em exercício e discentes em formação que habitam os cotidianos escolares de escola pública de Educação Básica. Nesta pesquisa, a produção de dados aconteceu fundamentada na ideia de *conversas* de Humberto Maturana, na qual o autor chama “esse fluir entrelaçado de linguajar e emocionar [de] conversar, e [...] *conversações* o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar” (MATURANA, 2014, p. 206). Desse modo, com os movimentos de conversas, realizamos as ‘*cineconversas*, adotadas como procedimento metodológico’, em consonância com a linha de pesquisa à qual este projeto se vinculou.

As ‘*cineconversas*’

[...] nos fazem acessar as memórias pelos sentidos da visão, da audição, do olfato, do paladar, do tato, e a compreender situações da vida nos cotidianos. Elas criam conexões com experiências que revelam as vivências de cada participante, já que um filme não representa a realidade, mas cria realidades que nos permitem conversar e fabular. (MENDONÇA *et al.*, 2020, p. 1634).

Pensando no modo de ver e de olhar a vida cotidiana (MATURANA, 2006), a dialogicidade que se expressa na conversação livre faz das ‘*cineconversas*’ não apenas um meio de produção de dados, mas principalmente de sensibilização que favorece os movimentos de invenção e reinvenção dos sujeitos nos cotidianos e dos cotidianos em que vivem, num exercício de aceitação do outro como legítimo outro na convivência amorosa. A intenção é que os sujeitos praticantes possam adentrar no viver e no conhecer com a produção e negociação de sentidos.

Nesse sentido, o primeiro movimento ocorreu com filmes selecionados, ‘*vistoouvidos*’ (ALVES *et al.*, 2018), com foco no tema da diáspora africana na contemporaneidade, com realização online, envolvendo docentes e discentes em formação de escolas públicas da educação básica e da Ufes. O segundo movimento se deu de modo offline, assíncrono, com a criação de vídeos experimentais relacionados à questão mobilizadora – diáspora africana na contemporaneidade. Os vídeos foram realizados com celular, sem edição e com duração de 1 minuto, a fim de oportunizar aos participantes a percepção de si como narradores do mundo. O quarto movimento foi a produção de micronarrativas com imagens e confecção de cartões postais relacionados à questão mobilizadora – diáspora africana. A confecção de cartões postais com a produção de imagens e micronarrativas (REIGOTA, 2016) teve a função política de “[...]”

possibilitar que o ‘outro’ (invisível, silenciado, subalterno, oprimido, anônimo, diaspórico [...]) possa falar por si mesmo (p. 55). Esta atividade, também desenvolvida de modo offline e assíncrono, foi realizada pelos docentes em exercício e discentes em formação, tendo como suporte a *escrevivência* proposta por Conceição Evaristo para fortalecer o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira e africana.

Cinema negro e cotidiano escolar

Epistemologicamente, esta proposta encontra sua base nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos desenvolvidas por Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira. As autoras entendem

[...] o cotidiano como uma permanente interlocução entre diferentes instâncias da *teoriapráticateoria*, é uma forma de enfrentar o desafio da compreensão da complexidade da realidade educativa, na medida em que ajuda a compreender as intrincadas redes que constituem as relações e negociações entre crenças e desejos, possibilidades e conhecimentos nos diferentes *espaçotempos* e redes educativas [nos processos de *aprenderensinar* nos cotidianos]. (ALVES; OLIVEIRA, 2012, p. 72).

Embora muito se tenha escrito sobre a importância do cinema na educação, são poucas as reflexões que buscam pensar o cinema negro articulado aos cotidianos escolares em sua complexidade. Destacamos a recente publicação de Marco Aurélio da Conceição Correa (2020), intitulada *Cinema afro-atlânticos: diásporas africanas e os cinemas negros nas tessituras em redes educativas*, que busca privilegiar “movimentos culturais realizados pelas diásporas africanas, representados através dos seus cinemas negros” (p. 8). Para o autor, “A diáspora negra é um *espaçotempo* forte para se pensar como são criadas, tecidas e ressignificadas experiências e vivências nos cotidianos” (CORREA, 2020, p. 8).

Daí a importância, como coloca Nilda Alves, no artigo *Imagens e sons de movimentos migratórios no cinema e nas escolas*, de “‘verouvir’ os filmes [...] ‘conversando’ acerca do que mostram em conteúdo e forma” (ALVES *et al.*, 2018, p. 223-224), a trilha sonora, expressões usadas, entre outros aspectos. É nessa vizinhança que esta pesquisa se coloca. Conforme assinala Nilda Alves (2007, p. 6), “o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os praticantes, como as chama Certeau (1994) porque as vê em atos, o tempo todo.”

A pesquisa realizada se intensificou também com inquietações de uma das autoras (RAMOS, 2013, 2018, 2019, 2020) como sujeito *praticantepensante* (OLIVEIRA, 2012) e sujeito da história (FREIRE, 1996), que é uma mulher-negra-intelectual-professora-pesquisadora.

Tais inquietações dizem respeito ao reconhecimento e à afirmação da “capacidade e coragem [da intelectual negra] de romper com as estruturas opressoras, de construir novas categorias analíticas e literárias através da criação. [...] Com essa atitude, [a intelectual negra] assume sua própria voz, a sua fala, a sua cultura e a do seu grupo étnico-racial” (GOMES, 2010, p. 504-505). Pois é preciso saber em favor de quem se estuda, contra o que e quem. E estudamos e pesquisamos contra as desigualdades e injustiças sociais e raciais; contra os colonizadores e opressores, em favor da desconstrução de narrativas racistas e de representações discriminatórias que, por muito tempo – e ainda nos dias atuais –, têm habitado os cotidianos das escolas, reforçando a “cultura supremacista branca” (HOOKS, 2019a, p. 26).

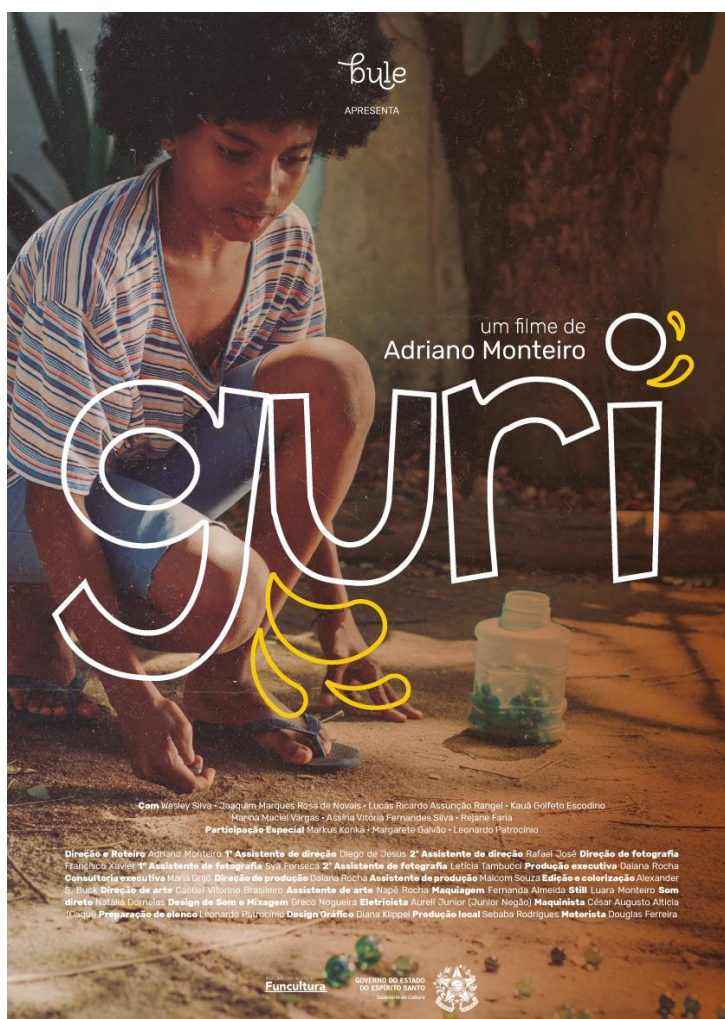
A pesquisa encontrou ainda inspiração no pensamento de algumas autoras negras, dentre elas Nilma Lino Gomes, com sua forte inserção como intelectual negra “no campo da pesquisa científica e da produção de conhecimento” (GOMES, 2010, p. 492), bell hooks, ao afirmar que “nós sempre precisaremos promover e encorajar o ato de ‘erguer a voz’” (HOOKS, 2019a, p. 21), além da arte da *escrivência* da literatura de Conceição Evaristo, para quem “a vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser” (EVARISTO, 2017d, p. 110).

Reconhecemos no cinema negro o potencial de criar brechas para desconstruir e inventar outras narrativas e modos de representar as negras e os negros na sociedade com imagens potentes e de resistência, para poder agir de modo crítico e transformador. Assim, ao nos debruçarmos sobre o cinema negro, juntamente com os docentes em exercício e discentes em formação de escolas públicas de educação básica, apostamos na importância de “criar condições de ir avançando no processo de formação para atuar posteriormente com os outros ‘praticantespensantes’ da pesquisa” (ALVES *et al.*, 2018, p. 223), e reafirmamos a responsabilidade social da escola na desconstrução de estereótipos raciais, além de valorizar e fortalecer o “contato com a história, memória e herança cultural africana presente na formação cultural afro-brasileira” (GOMES, 2003, p. 180). Desse modo, abrimos caminhos para que se possa contar a “história que a história não conta”, potencializando os processos de reconhecimento das culturas africana e afro-brasileira, e fortalecendo a autoestima e a subjetividade dos estudantes nos cotidianos escolares e na vida.

Apresentamos, a seguir, ainda que brevemente, resultados das ‘cineconversas’, envolvendo o curta-metragem *Guri*, com direção e roteiro do capixaba Adriano Monteiro, que esteve presente na atividade online. Salientamos as narrativas que surgiram com a ‘cineconversa’

relacionadas com as práticas pedagógicas cotidianas em currículos com o uso de cinema, imagens e sons e que desencaderam outros modos de ‘*aprenderensinar*’. O filme conta a história de Victor, um menino de 12 anos que sonha em vencer um campeonato de bolinhas de gude do seu bairro. A obra expõe o racismo cotidiano, destacando uma reflexão acerca da infância na perspectiva da criança negra, “o filme, ao privilegiar um elenco composto em sua maioria por crianças, quer tocar em um tema delicado que é o racismo na infância e fomentar esse debate na família, na escola e em outras instâncias da sociedade” (SECULT, 2019).

Figura 1 - Cartaz do filme Guri - 2019.



Nota: Fotos de Luara Monteiro.

Fonte: GURI FILME. Guri. Direção e roteiro de Adriano Monteiro. Vila Velha, ES, 16 mar. 2019. 1 vídeo (13 min). Facebook: Guri filme. Disponível: <https://www.facebook.com/CurtaGuri/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Ariane Celestino Meireles, uma das participantes da 'cineconversa', é professora da Educação Básica, Mestra em Política Social (Ufes) e doutoranda em Ciências da Educação (Universidade do Porto, Portugal). É professora de Dança Afro-Brasileira e escreveu, em parceria com Edileuza Penha de Souza, o livro *Princesas Negras*. É pesquisadora nas áreas de Diversidade Sexual, Políticas de Gênero e da educação das relações étnico-raciais na luta antirracista na formação de professoras e professores nos cotidianos escolares. Para ela,

O que o Adriano traz no filme é tudo que a gente vê do nosso cotidiano, é a banalização do racismo, é o corpo docente da escola e o corpo da direção também pensando que aquilo ali é uma bobagem, que são brincadeiras de menino, que é bullying [...]. Poucas pessoas levam a sério essa legislação, que o racismo é estrutural e que o seu comportamento tem que ser mudado. Ele está ali na escola todo dia, no silêncio e nas agressões mais violentas [...]. Se esse garoto [do filme] tivesse ouvido do professor, que aquele Egito ali, é um Egito de onde seus ancestrais vieram, pode ser que quando ele fosse chamado de "cabelo de bombril", ele ia falar "aí, velho, de onde que eu venho... olha a história que eu trago". Mas não tem esse contexto. Estou falando isso com muito lamento, sinceramente, até hoje tem uma garotada saindo do nono ano da prefeitura de Vitória e indo para o Ensino Médio sem se dar conta que o Egito está na África, sem nunca ter ouvido falar nisso, sem ter noção de que pode ter muito orgulho de tudo que vem de África e que África não [foi] só escravidão como até hoje [muitos] livros tem trazido [...]. O livro de história que eles têm na mão é um livro que fala de escravidão numa página e na outra já fala de uma coisa que não tem nada a ver com 14 de maio. É lamentável isso!

Figura 2 - Imagem do filme Guri - 2019.



Nota: Fotos de Luara Monteiro.

Fonte: GURI FILME. Guri. Direção e roteiro de Adriano Monteiro. Vila Velha, ES, 16 mar. 2019. 1 vídeo (13 min). Facebook: Guri filme. Disponível: <https://www.facebook.com/CurtaGuri/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Bárbara Maia Cerqueira Cazé, outra participante da 'cineconversa', é uma mulher negra, baiana e mãe de Joaquim. É pedagoga pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Mestra em Educação pela Ufes e doutoranda em Educação na Uerj. Idealizadora e coordenadora do

Cineclube Afoxé e do Festival Cinema Também é Quilombo, é também curadora em festivais de cinema no Brasil. Integrante do Grupo de Pesquisa Identidades e Culturas no Cotidiano da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), organizou o livro *Mulheres Negras na Tela do Cinema*, publicado em 2020 pela Editora Pedregulho. Além disso, é servidora na Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo. Bárbara Cazé expõe comentários a partir dos dois lugares que ocupa:

Um é como fã de Adriano que já falei várias vezes [...]. Acho que o trabalho de Adriano não só com o "Guri", mas também com a "Palavra Negra" (BATISTA, 2016), as webs séries, tem um papel didático incrível, sem que este didático seja menor. Eu acho que esse tipo de material tem que circular, inclusive é o material que eu uso quando vou conversar com os professores. Por isso, também quero falar como lugar de pedagoga [...]. A gente chega na escola como a pessoa negra, muitas vezes somos poucos e entre os negros que estão lá na equipe pedagógica, poucos compreendem e "peitam" dizer que não é bullying, é racismo. [...] A gente precisa fortalecer nossos professores para também compreender esses mecanismos, os mecanismos que o racismo utiliza. [...] E também fortalecer os nossos meninos e meninas negras que estão na escola, porque esses meninos onde eles me viviam eles entenderam "ali eu posso confiar".

Figura 3 - Imagem do filme Guri - 2019.



Nota: Fotos de Luara Monteiro.

Fonte: GURI FILME. Guri. Direção e roteiro de Adriano Monteiro. Vila Velha, ES, 16 mar. 2019. 1 vídeo (13 min). Facebook: Guri filme. Disponível: <https://www.facebook.com/CurtaGuri/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Adriano Monteiro, um dos participantes da 'cineconversa', tem 37 anos, e é natural de Vila Velha, Espírito Santo. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e em Jornalismo pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH), é Mestre em Comunicação e Territorialidades pela Ufes⁴. Dirigiu e roteirizou o curta-metragem de ficção *Guri*

⁴ Atua na cena cultural capixaba há mais 10 anos como artista, produtor cultural e ativista social. Em seus últimos projetos artísticos, tem se inclinado cada vez mais para a linguagem audiovisual, trabalhando numa perspectiva estética afro-diaspórica. É diretor do curta-documentário *Candomblés: Axé e Fé* (2018). Seu mais recente trabalho

(GURI FILME, 2019), que circulou em mais de 40 festivais e mostras em todo país, cinco deles internacionais, ganhando sete prêmios. Sobre o filme Guri, ele comenta:

Eu queria trazer minha experiência sobre o filme, mas também queria falar um pouco da minha experiência com a escola, porque ouvindo o depoimento de vocês, é interessante, e ao mesmo tempo triste, observar que a realidade não mudou desde os anos 90.[...] Quando eu estava com 11/12 anos, percebi que eu não tinha nome, você perde a sua identidade e passa a ter apelidos. Isso é interessante, porque cada ano que eu passava era um apelido diferente, trocava a turma e os apelidos mudavam de acordo com o que estava acontecendo no país. Muitos me perguntam "ah, Adriano, o filme é baseado na sua vida?" Eu aplico a metodologia da Conceição Evaristo, é escrevivência sim, eu trago aqui parte das minhas memórias enquanto uma criança preta, mas apesar de ter coisas minhas ali, não deixa de ser um filme de ficção, uma fabulação, enfim é um outro contexto. [...] Eu imagino que isso aconteça com qualquer criança preta, seja menina, seja menino, ela perde sua identidade, porque vai ganhando apelidos. [...] No meu Ensino Médio, eu tentei reverter a situação e virei o "cara zueira", o que matava aula direto, que aprontava na sala quase todo dia, eu virei o estereótipo da sala de aula. [...] O meu trabalho é político, eu entendo cinema como política, ele é Arte, mas também é político, porque não há como desassociar. [...] Nesse sentido, eu falo sobre o que me toca. [...] Por isso, uma das propostas do filme depois que ele circulasse no circuito de festivais, era ser exibido em escolas. [...] Eu queria contar essa experiência para pensarmos como o filme impacta a gente que está discutindo, professores, pessoas mais velhas, mas como chega também às crianças [...]. Na escola, tinham umas cinquenta crianças, todo mundo frenético, todo mundo falando, quando o filme começou, ficou aquele silêncio, eu fiquei lá no fundo. [...] Quando o filme acabou, passei a caminhar um pouquinho para frente, parei numa pilastra e encostei, nisso tinha um menininho de uns 9/10 anos que me cutucou e disse: "Ô tio, seu filme é maneiro né". Para mim, aquilo foi sensacional, eu me emocionei, cheguei a me arrepiar na hora, porque de alguma maneira algo tocou nele. [...] Eu fico muito feliz em conseguir fazer uma obra que dialoga com as crianças de 9 anos e está dialogando aqui com a gente de 30, 50, 48, não sei... Eu acho isso bonito, fico feliz de ter feito um filme pequeno, mas um filme que toca, que chega para todos (Adriano Monteiro, 2021).

Com isso em vista, fazemos uso do ‘verouvir’ o filme selecionado a fim de entender seus efeitos ao adentrar os cotidianos escolares. Nas narrativas (REIGOTA, 2016) feitas pelas participantes e tecidas com a ‘cineconversa’ apareceu a questão da importância do ensino da História Africana (CUNHA JR., 2013), explicitando a pertinência da formação em educação das relações étnico-raciais nas universidades e nas escolas da Educação Básica. cremos que o texto de Lázaro Cunha (2012), que trata da contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal, é de fundamental importância, uma vez que, nos dias atuais, ainda se escuta “O que foi o Egito? De onde surgiu tudo isso?”, mostrando-nos como o processo de colonização tentou apagar as nossas histórias.

No filme, é possível ver o cinema negro como “um ato político de combate ao racismo. Ou seja, é um artefato conceitual criado com o propósito político de solução ao problema estrutural do racismo” (CORREA, 2020, p. 20), apresentando representatividade da cultura negra,

é o curta-ficção *Live* (2020). É criador e diretor da web série Palavra Negra, que chegou a sua segunda temporada. Produziu os curtas-metragens *Arquitetura dos que habitam* (2019) e *Braços vazios* (2018), ambos dirigidos por Daiana Rocha. Este último vencedor do prêmio Melhor Curta-metragem pelo Júri Popular do Festival de Cinema de Vitória 2018. Integra o Damballa, primeiro coletivo de cineastas negrxs do Espírito Santo. Faz parte da diretoria da ABD Capixaba. É sócio-diretor da produtora independente BULE Estúdio Criativo.

como Mano Brown, Nina Simone e São Benedito. O curta mostra a amorosidade da mãe preta, que soube lidar com a situação racista e foi procurar a escola, e mesmo a escola afirmando que não houve *bullying*, a mãe diz que não se trata de *bullying*, mas de racismo, e *ergue a voz* (HOOKS, 2019a), saindo do silêncio. Isso é importante para o processo de formação da corporeidade e da estética negra como elementos que compõem uma afirmação do pertencimento daquela criança em relação ao seu corpo e ao seu cabelo. Sobre isso, a professora Nilma Lino Gomes destaca que

O estudo sobre o corpo e o cabelo como ícones da identidade negra presentes nos processos educativos escolares e não-escolares poderá nos apontar outros caminhos além da denúncia da reprodução de preconceitos e estereótipos. Ver a manipulação do cabelo do negro e da negra como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil poderá nos pôr em contato com a história, memória e herança cultural africana presente na formação cultural afro-brasileira. Penso que tais estudos poderão e deverão fazer parte dos processos de formação de professores. A sua incorporação nos currículos e nos processos pedagógicos de formação docente faz parte de lutas e reivindicações históricas do movimento negro brasileiro que há anos tem demandado o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares. (GOMES, 2003, p. 180).

Nesse contexto, nas *'cineconversas'*, exercitamos os usos do *'verouvir'* com o curta *Guri*, entendendo que “os filmes por suas potências ajudam e tecem em nossas redes [...] sentidos, sentimentos, afetos e significados que, quando presente nos cotidianos escolares, criam mundos culturais compartilhados entre os *'praticantespensantes'* da escola” (CORREA, 2020, p. 75), e, nesse caso, possibilitam pensar, questionar e criar múltiplos *'conhecimentossignificações'* acerca da educação das relações étnico-raciais pertinentes para praticar uma pedagogia antirracista a partir das experiências discriminatórias que acontecem nos *'espaçostempos'* dos cotidianos escolares.

Considerações finais

Desse modo, nossas ideias com as *'cineconversas'* dizem respeito ao modo de trabalhar com filmes nos cotidianos escolares exercitando as dimensões éticas, estéticas e políticas que envolvem as múltiplas *redes educativas* (ALVES, 2019), e exercitando uma *educação como prática de liberdade* (FREIRE, 2014). As *'cineconversas'* são usadas como um elemento da metodologia da pesquisa na formação de professoras e professores e nos ajudam a pensar de que modo as questões sociais podem se transformar em questões curriculares. Com os usos do cinema na educação, é possível a criação de outras redes educativas, a partir das redes que formamos e

nas quais somos formados (MENDONÇA *et al.*, 2020, p. 1623). Nesse sentido, tivemos a possibilidade de articular situações concretas dos nossos cotidianos em que os ‘*praticantespensantes*’ “inventam outras maneiras de tecer [‘*conhecimentossignificações*’], através de filmes” (BRANDÃO; MENDONÇA; PAPINI, 2020, p. 1592) e recriam suas práticas pedagógicas.

Nessas travessias, com as ‘*cineconversas*’ foi possível ‘*verouvirsentirpensar*’ o filme Guri nos cotidianos escolares pelas ‘*imagensnarrativas*’ dos movimentos da diáspora africana no cinema negro na contemporaneidade que são tecidos nas múltiplas redes educativas. Com isso reamanhecem esperanças em nós (EVARISTO, 2017c) para continuarmos nas lutas e resistências contra todas as formas de opressão e dominação, assim fortalecemos e exercitamos uma educação anticolonial e antirracista praticando a liberdade na vida cotidiana na sociedade.

Referências

- ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **O perigo de uma única história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In*: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Nilda Alves: praticantepensante** de cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 133-152.
- ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7-8, p. 1-8, jan./dez. 2007.
- ALVES, Nilda. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In*: GARCIA, Leite Regina (org.). **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 67-80.
- ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. *In*: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas** - memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. S. Paulo: Cortez, 2019. p. 115- 133.
- ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Ensinar e aprender/ “aprenderensinar”: o lugar da teoria e da prática em currículo. *In*: ALVES, Nilda; LIBANEO, José Carlos (org.). **Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 61-76.
- ALVES, Nilda *et al.* Imagens e sons de movimentos migratórias no cinema e nas escolas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 3, n. 7, p. 221-234, jan./abr. 2018.
- ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. Diáspora africana. **Portal Geledés**. São Paulo, 14 fev. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/diaspora-africana/>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSUKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-46.
- BATISTA, Tamyres. **Poesia Súplica de Mendigo. Palavra Negra #19**. 12 set. 2016. 1 vídeo (1:38 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s5FCzhUnOfQ&t=21s>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BRANDÃO, Rebeca Silva; MENDONÇA, Rosa Helena; PAPINI, Rossana. Memórias de professoras: tecendo cineconversas com "O incrível exército de Brancaleone". **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 16 Edição Especial, p. 1577-1594, 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 19 jul. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 19 jul. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília: Presidência da República, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em: 14 abr. 2020.

CALDAS, Alessandra; ALVES, Nilda. Circulação científica na criação de 'conhecimentossignificações' em uma pesquisa em andamento: movimentos de um vídeo no Google. *In*: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; ROSA, Flávia. (org.). **Produção e difusão da ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares**. Ilhéus/Bahia: Ed. da UESC, 2018. p. 189-200.

CAZÉ, Barbara Maia Cerqueira. **Os usos e os atravessamentos do Cineclube (e do Cinema) na tessitura dos currículos em redes nos cotidianos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORREA, Marco Aurélio da Conceição. **Cinema afro-atlânticos: diásporas africanas e os cinemas negros nas tessituras em redes educativas**. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.

CUNHA JR, Henrique. O ensino da História Africana. **Portal Geledés**. São Paulo, 5 set. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-ensino-da-historia-africana/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CUNHA, Lázaro. **Contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal**. Salvador, BA, 2012. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/contribuicao-povos-africanos.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencças**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016a.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016b.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017c.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017d.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 492-516.

GOMES, Nilma Lino. Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03. **Portal Geledés**, São Paulo, 27 ago. 2011. Disponível em: https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-a-lei-1063903/?gclid=Cj0KCQjw1tGUBhDXARIsAIJx01k1Z7FmWj23ogOn22jzPJbUk5vXhSpKbcJC92iv8IMeszK67QcxYyYaAgmwEALw_wcB. Acesso em: 6 abr. 2020.

GURI FILME. **Guri**. Direção e roteiro de Adriano Monteiro. Vila Velha, ES, 16 mar. 2019. 1 vídeo (13 min). Facebook: Guri filme. Disponível: <https://www.facebook.com/CurtaGuri/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019b.

HOOKS, Bell. **O olhar opositor: mulheres negras espectadoras**. São Paulo: Elefante, 2019c.

HYSTERIA. **Mulheres de barro. Curta Mulheres 35**. Roteiro e direção de Edileuza Penha de Souza. Vitória, ES, 13 jul. 2018. 1 vídeo (25:51 min). Facebook: Hysteria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4faXQjAZXVY&t=38s>. Acesso em: 27 abr. 2019.

ITAÚ CULTURAL. **Ocupação Abdias Nascimento**. São Paulo: Itaú, 2016.

KBELA FILME. **Kbela**. Direção e roteiro de Yasmin Thayná. Rio de Janeiro, RJ, 30 jul. 2018. 1 vídeo (21:45 min). Facebook: KBELA filme. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE>. Acesso em: 12 ago. 2021.

LITERAFRO. O portal da literatura Afro-Brasileira. **Abdias Nascimento: dados biográficos**. Belo Horizonte, 28 jul. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/462-abdias-nascimento>. Acesso em: 28 jul. 2021.

MACHADO, Marcelo Ferreira; MORAIS, Maria; TOJA, Noale. 'Cineconversas': criando currículos com filmes de migração. **Revista de la Escuela de Ciencias de la Educación**, Mendoza, v. 1, n. 15, p. 93-103, jan./jun. 2020.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

MENDONÇA, Rosa Helena de *et al.* "Cineconversas" e fabulações curriculantes: o uso de filmes e a potência das conversas como metodologia de pesquisa em Educação. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1109-1130, out./dez. 2020.

MONTEIRO, Adriano. **Os territórios simbólicos do Cinema Negro: racialidade e relações de poder no campo audiovisual brasileiro**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. (org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: DP et Alii, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii, 2012.

PODER360. **Samba-enredo da Mangueira em 2019 fará homenagem a Marielle Franco**. Brasília, 14 out. 2018. 1 vídeo (6:34 min). Facebook: Poder360. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7SOBzDOug_A. Acesso em: 26 mar. 2020.

PRETAPORTEFILMES. Cores e botas. Direção e roteiro: Juliana Vicente. 19 abr. 2012. 1 vídeo (15:50 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L18EYEygU0o>. Acesso em: 12 ago. 2021.

RAMOS, Teixeira Andreia. **Educação ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2018.

RAMOS, Andreia Teixeira. Narrativas autobiográficas de uma mulher negra: identidades sociais de raça e gênero. **Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 3, p. 15-34, set./dez. 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23554/15049>. Acesso em: 17 mar. 2020.

RAMOS, Andreia Teixeira. Mulheres de Barro: análise fílmica de panelas, congo e amor. In: CAZÉ, Bárbara Maia Cerqueira. (org.). **Mulheres negras na tela do cinema**. Vitória: Pedregulho, 2020. p. 21-48.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

REIGOTA, Marcos. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. In: CORDEIRO, Rosineide. KIND, Luciana (org.). **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016. p. 49-66.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SECULT - SECRETARIA DA CULTURA. Curta-metragem capixaba Guri expõe racismo na infância. Vitória, Secretaria da Cultura, 22 mar. 2019. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/Not%C3%ADcia/curta-metragem-capixaba-guri-expoe-racismo-na-infancia>. Acesso em: 23 ago. 2021.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Cinema na panela de barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Entrevista oral realizada por uma rede social**. [abr. 2020]. [Entrevista cedida a] Andreia Teixeira Ramos. Vitória/ES, 2020.